

Capítulo 21 - DOI:10.55232/1082027.21

**TRILHAS E CAMINHOS: RELATO DE UMA VIVÊNCIA DO
GRUPO ECOS DE PESQUISA EM ECONOMIA
SOLIDÁRIA E SUSTENTABILIDADE NA FLORESTA
NACIONAL DO ARARIPE - CE**

Yure Emanuel de Melo Feitosa Araujo e Di Vlândia de Melo Feitosa Araujo

RESUMO: Um dos princípios da educação de base pós-positivista é a superação da dicotomia educação- vida. Pautados nesse princípio, os integrantes do grupo Ecos de Pesquisa em Economia Solidária e Sustentabilidade realizaram uma vivência na trilha ecológica do Belmonte, localizada na Floresta Nacional do Araripe – FLONA. O objetivo deste trabalho é narrar essa vivência tomando os conceitos inerentes à Educação Ambiental como lastro. O caminho metodológico foi delineado, sobretudo, pela pesquisa bibliografia e pelo relato de experiência. Os resultados apontam para a importância do fortalecimento de ações educativas vivenciais que procurem romper com a dicotomização e mecanização da educação e da vida.

Palavras-chave: FLONA, Trilha do Belmonte, Educação em valores ambientais.

INTRODUÇÃO

No seu livro ‘Linguagem e Educação depois de Babel’, Jorge Larrosa aponta que “a experiência, a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm” (Larrosa, 2004, p 160). Aquele escrito é quase uma convocação a uma dinâmica existencial que se oponha ‘aos tempos que correm’. Convida-nos a parar para pensar e pensar mais devagar. Sensibiliza-nos a um olhar mais demorado, um pensamento mais lento e uma escuta mais qualificada. Perpassa o texto o convite à suspensão, à demora, ao sentir, à atenção, à audição, ao silêncio, ao culto à arte, ao retirar-se. Ou seja, perpassa, transversalmente, o texto uma vontade de ressignificação da própria vida e não somente da parte desta nomeada educação. Aliás, o grande desafio na apropriação do seu pensamento é que possamos romper com a dicotomia do que se faz no mundo do trabalho e o que se faz no mundo da vida.

Pensando com e a partir de Larrosa, foi criado no ano de 2010, junto ao Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri (URCA), localizada no sul do Ceará, o Grupo Ecos de Estudos e Pesquisa em Economia Solidária e Sustentabilidade. Um espaço que pretendia/pretende fortalecer estudos e pesquisas numa perspectiva pós-positivista da ciência econômica, centrando-se na economia solidária e sustentabilidade, mas, que se propõe, igualmente, a estimular o movimento da subjetividade dos sujeitos envolvidos nas diferentes ações rumo à ressignificação da educação e da vida que o diálogo com Larrosa suscita.

Ao longo dos seus primeiros anos de existência, o grupo ‘ecoou’ quase que exclusivamente rumo à produção e publicação científicas, certamente pela própria natureza do espaço acadêmico que o possibilita. Nesta fase os principais acontecimentos foram encontros de orientação e participação em eventos. Somente no final de 2014 numa comemoração dos dizeres de Larrosa foi proposta uma atividade de confraternização de final de ano e fechamento das atividades que se desse em registro fora da universidade e com metodologia diferente daquela que preside, comumente, o espaço acadêmico.

A atividade consistiu de uma trilha ecológica na Floresta Nacional do Araripe – FLONA (na trilha do Belmonte), pautada pela indagação, sobre: de que maneira o contato

com a natureza pode/poderá contribuir para o redimensionamento das relações com a mesma.

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo narrar essa vivência tomando os conceitos inerentes à Educação Ambiental como lastro à sistematização das respostas à sua pergunta de partida. O seu caminho metodológico foi delineado, sobretudo, pela pesquisa bibliografia e pelo relato de experiência. O mesmo é composto de três partes, além desta introdução e da conclusão, quais sejam: o delineamento teórico; as especificidades da FLONA e da trilha do Belmonte; e o relato da experiência.

VALORES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A sociedade moderna, conduzida aos caminhos traçados pela razão instrumental ocidental, cujos princípios se sustentam na fragmentação e separação do homem e do mundo, da natureza e do cosmo, construiu uma cultura violenta e bárbara, uma perda de valores que serão difíceis de recuperar (MENDONÇA, 2008).

O modelo educacional vigente, que funciona como importante mecanismo na base de sustentação desta sociedade reflete e repassa os valores advindos do modo de produção capitalista pautados na competição, na acumulação de riqueza, na produtividade que enaltece quantidade à qualidade, no egoísmo, na centralidade no lucro, na discriminação de natureza diversa e manipulação midiática dos sujeitos, dentre outros.

Os espaços escolares menos do que lugar de acesso aos saberes necessários à emancipação, compartilham uma organização de saberes que deu suporte ao processo de industrialização a partir do século XIX e a consequente tomada dos indivíduos como objetos de poder. Lugares como a escola e a fábrica operam o controle a partir de uma vontade de disciplinamento que busca conformar os sujeitos em corpos úteis e dóceis. Desse modo, o corpo do sujeito torna-se objeto da ciência que explora e domina, transformando-o em corpo produtivo, ajustado para o trabalho (SOUZA, 2010, p 121).

São práticas educacionais que buscam aprimorar mão-de-obra para o mercado de trabalho, transmitir informações já prontas e sobrepostas disciplinarmente.

Neste contexto a educação ambiental é uma proposta educacional que visa um deslocamento dos princípios capitalistas e disciplinadores da educação moderna e busca

a aplicação de valores numa visão mais ampla dos sujeitos, a partir dos conhecimentos interdisciplinares. Apresenta-se como alternativa ao atual padrão, que não tem conseguido responder aos problemas sociais e ambientais urgentes. Entretanto, esta proposta interdisciplinar depara-se com uma estrutura curricular engessada por pressupostos como o reducionismo científico e o relativismo de valores.

No entanto, a busca por novos valores quando cai no lugar comum do relativismo pode produzir o niilismo que, segundo Bonotto (2008, p. 297), propaga a ideia da “postura livre e aberta a todo posicionamento ou a toda cultura”. Este lugar em que tudo é possível sem que se acorde uma ética e estética, é ainda mais autoritária que a educação de fundamento moderno e de valores rígidos, posto que, tem servido como lastro para a naturalização de ideias e práticas de exclusão por parte do sistema capitalista (ARAÚJO, 2001 apud BONOTTO, 2008).

Este fato evidencia-se na forma de agir do capital, uma vez que o mesmo escolhe lugares para aplicar investimentos de acordo com a lucratividade que poderá obter explorando o potencial econômico e o capital humano do território, em detrimento de outros espaços onde este teria de adaptar seus métodos aos saberes locais, conviver com as idiossincrasias culturais sem sobrepor sua cientificidade e tecnicismo.

Da mesma forma, as salas de aula se assemelham a departamentos de uma indústria onde os padrões desta sociedade estão sendo forjados. A totalidade necessita de uma formação para a vida, regada de saberes multidisciplinares e valorativos. De acordo com Bonotto (2008), programas que objetivem uma educação em valores não impõem ou doutrinam, antes criam diversas situações onde se dá a apresentação, reflexão, crítica, vivência de guias de referência, para construção de valores.

Desse modo, é necessário que os estudantes sejam expostos a experiências que os ensine a inovar, pensar, criticar, questionar, conhecer ferramentas de aprendizagem, criar soluções para injustiças sociais, degradações ambientais e para resoluções de conflitos, e outros modos de viver mais solidários e valorativos.

Em educação ambiental faz-se mister a construção de valores socialmente justos e ambientalmente desejáveis. Assim, é que na ECO-92 foi elaborado documento que cita alguns eixos de valorização na relação entre seres, que vão de práticas a ideias de

valorização da vida, da diversidade cultural, de diferentes formas de conhecimento, de uma sociedade sustentável e de uma vida participativa. Tais ações englobam valores como responsabilidade, solidariedade, cooperação e diálogo, o que implica em um reposicionamento da sociedade, com respeito à biodiversidade, consideração das diferentes culturas e demais formas de conhecimento (além do científico), reajuste dos modelos econômicos tecnológicos - visando qualidade de vida global (BONOTTO, 2008).

A respeito disto, Bonotto (2008, p.300), relata que “os valores surgem da projeção dos sentimentos positivos sobre objetos, pessoas e/ou relações, e mais tarde, com as trocas interpessoais e a intelectualização do sentimento, são cognitivamente organizados com base nos julgamentos de valor que realizamos”.

A devastação ambiental tem forte viés antrópico, assim, uma educação pautada em valores ambientais pode contribuir para inflexão deste modo de agir do homem sobre a natureza. Concomitantemente, o grande desafio, para Mendonça (2008), em educar num contexto bárbaro é a recuperação do sentido da vida.

Assim é que vimos na vivência da trilha ecológica, sujeitos acostumados à rotina urbana - com sua paisagem marcada pelo concreto, pelas desigualdades sociais, pelas poluições visuais, sonora e do ar - se depararem com um outro modo de existência marcado pela pureza do ar, o canto de cigarras e pássaros, o clima agradável, a paisagem natural. Ou seja, a vivência da trilha no esforço de movimentos rumo a inflexão de sentimentos e redimensionamento da vida.

A FLORESTA NACIONAL DO ARARIPE (FLONA) E A TRILHA DO BELMONTE

O dialeto local revela a FLONA como sendo ‘a Chapada do Araripe’, que se encontra sob cuidados legais do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis – IBAMA. São 38.262,3261 hectares¹ de virtudes naturais no sul cearense, estendendo-se pelos municípios de Barbalha, Crato, Jardim e Santana do Cariri. Dotada de diversas potencialidades, permite o “desenvolvimento de atividades de uso

¹ Conforme IBAMA/MMA (2004).

público, pesquisa científica e educação ambiental, importantes para o desenvolvimento científico, pedagógico e social das populações, direta e indiretamente envolvidos com a mesma” (IBAMA/MMA, 2004, p. 27).

Logo, é simples inferir a necessidade de sua preservação, não apenas com um viés ético ambiental. Sua presença faz a diferença para a Região. Sua devastação representa um impacto no clima local, desaparecimento de fontes de água no futuro (quando chove a água que entra no seu solo, emerge, posteriormente, em nascentes de água doce e potável), destruição de habitat de animais e plantas e cerceamento de atividades legais desenvolvidas a partir dela.

Conscientes disto, foi implementada a Lei da Educação Ambiental nº 9795/1999, buscando “o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos” (IBAMA/MMA, 2004, p. 64)2.

Consoantes a isto, o contato com o meio ambiente a partir da trilha do Belmonte se torna um ato de contemplação, mas atribuindo uma consciência do cuidado. A trilha possui um trecho de 9,6 km, constituída pela Pedra da Coruja, Mirante da Coruja e o Mirante do Serrano. É uma das principais trilhas da FLONA para observação de pássaros, dentre eles o Soldadinho do Araripe, nova espécie da fauna brasileira encontrada nesta região em 1998. Seu percurso está aos 900 metros de altitude, em média, e é uma experiência ímpar (IBAMA/MMA, 2004).

ECOS DE OUTROS POSSÍVEIS: a vivência de um grupo de estudos e pesquisas trilhando na Chapada do Araripe

² Por outro lado, empedernidamente foi promulgada a lei municipal nº 3053/2014, que altera o zoneamento do Parque do Rio Saco e Lobo (localizadas na encosta), de Zona Especial Ambiental 7, para Zona Residencial de Média Densidade. Isto significa que uma zona destinada antes à preservação de áreas alagadas e encostas foi transformada por força de lei em zona residencial, desseguando, de acordo com Freitas (2015, p.1), “a reprodução de espécies animais e vegetais, a infiltração das águas da chuva e a renovação do oxigênio do espaço urbano”.

Iniciamos a trilha do Belmonte pela entrada da casa sede (CE-292) indo em direção à Pedra da Coruja, Mirante da Coruja e o Mirante do Serrano. Dos cumes da Flona observamos a bela e inspiradora paisagem panorâmica de sua parte baixa, o Vale do Cariri. A altitude nos permitiu entrar em contato com a majestade da natureza esculpida em padrões macros que se tratam de abismos construídos durante milhares de anos.



Figura 1 - Vista do mirante do serrano. Créditos: Antônio Fagundes Gomes da Silva.

A contemplação nos permitiu refletir sobre o poder de destruição da ocupação do território sobre os recursos e constatar que o tempo de reposição de recursos dá-se numa cronologia bem mais lenta que a exploração e reincidência de danos causados.

Durante a caminhada observamos, por exemplo, lixo descartado irresponsavelmente e que levará séculos para ser degradado, mas que em um gesto de segundos poderia ser resolvido, quando de um lapso de consciência ambiental, aquele material não fosse ali jogado por quem o fez. Na verdade, os resíduos que ficam estavam como que a nos convidar a repensar os limites de uma sociedade cuja centralidade é o consumo nas suas mais diferentes vertentes.

Nesse sentido, a educação ambiental é desafiada a encontrar estratégias didáticas voltadas para o questionamento desta pauta consumista que pretende o nivelamento de mercadorias e pessoas em um registro totalitário de utilidade e produtividade. Assim, vimos que o simples ato de caminhar e contemplar na/a Chapada do Araripe poderia/poderá funcionar como a possibilidade de questionamento da própria lógica do capitalismo, seus resíduos e seus esforços de subjetivação.

Trilhar foi retirar-se nos termos de Larrosa (2004), uma espécie de culto à atenção, de partilha e consagração. Muito embora reconheçamos que o abismo que se forma entre a vivência da trilha e as experiências que se forjam no cotidiano de cada caminhante, é muito superior aquele que se apresenta entre a Chapada e o seu vale.

No entanto, ainda que reconheçamos os limites entre a vivência e a vida acreditamos que para o sujeito, cujos olhos não estão habituados a virem tamanha profundidade (que vislumbra do alto daquelas pedras, imensa altura, ar puro, denso e gelado, adentrando pulmões e batendo no rosto, sons do vento, do chacoalhar das árvores, dos pássaros, cigarras e outros animais) emerge em um sentimento, que vai do coração à alma, de paz, uma paz profunda, um estado meditativo, por se reconhecer parte do cosmos.

A vivência na trilha e o ato se sentir e sentir mais devagar [como nos aponta Larrosa (2004)], nos remete aos estudiosos contemporâneos que defendem uma mudança profunda de mentalidade, como Morin (2003), que declara que a ética da compreensão planetária deve ser objeto da educação do futuro e aponta como duplo imperativo antropológico: salvar a diversidade humana e salvar a unidade humana. Para tanto, identifica sete saberes necessários ao conhecimento. O primeiro, diferença entre o erro e a ilusão, a dificuldade de percepção ou a reconstrução individual da realidade; o segundo trata dos princípios do conhecimento pertinente, que valoriza a importância da contextualização do conhecimento, uma vez que a realidade a realidade social é multidimensional; o terceiro diz respeito ao cuidar da condição humana, pois fazemos parte de uma sociedade e trazemos impressas as marcas de nosso ambiente social; o quarto, a intenção de derrubar o individualismo a partir da atribuição da importância de compreender a si e ao Outro; o quinto propõe enfrentar as incertezas, o que incita à coragem; o sexto aponta a urgência de entendermos a ameaça nuclear, a ameaça ecológica e a degradação da vida planetária; o sétimo é a antropoética, a ética do gênero humano e não mecanização da vida.

E foi na ruptura da mecanização da vida que nos assentamos em uma parte mais aberta da floresta para um momento de confraternização, uma pausa para o encontro, de reconhecimento do Eu no Outro, um intervalo para pôr em prática a afetividade. Alí fizemos um piquenique e o sorteio do ‘amigo criativo’, que consistiu na troca de presentes feitos pelos próprios participantes. Quanto à elaboração do presente, alguns membros

relataram a dificuldade em construí-lo, pela mecanização de comprar tudo já pronto. Outros citaram a descrença se o resultado seria satisfatório e fidedigno ao planejado no início. Fabricar o objeto que seria dado foi uma experiência para repensar o consumismo e a criatividade. E apesar dos percalços, a maioria se sentiu regozijada ao ver um resultado superior às expectativas.

Após o piquenique, o lixo gerado e outros que estavam ao redor foram recolhidos. Ainda assim, sabemos que nossa presença causa algum nível de entropia, por exemplo, a erosão nas pedras intensificada pela visita, pois notamos que as pedras apresentam desgaste, pela ação do vento e do pisar dos visitantes, que sobem-nas para contemplarem a vista, tirarem fotos, etc.

CONCLUSÃO

Assim, finalizamos a trilha que ora relatamos compreendendo que não há fidedignidade entre o que se passou e o modo como narramos, o recorte das partes que consideramos mais relevantes se alteraria se os narradores o fossem. Mas entendemos a narrativa de contabilizar como um esforço do humano que não cresce, vive e envelhece sem instituir um tempo, sem fragmentar, pautar e contabilizar seu devir e seu passar; não sabemos deixar transcorrer nossa vida sem nomear, sequenciar, ordenar e esclarecer o sentido do que passa e do que existe, do que permanece e do que se desvanece; não desejamos viver sem especificar o indivíduo próprio e o alheio, o que nos une o que separa o que nos diferencia.

Portanto, o próprio ato de falar sobre o que nos acontece numa perspectiva da Educação Ambiental pode fortalecer a importância da FLONA, da preservação da trilha, dos valores da educação pós-positivista e da busca dos participantes do grupo Ecos pela construção de outros possíveis na academia e na vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, U. F. Os direitos humanos na sala de aula: a ética como tema transversal. São Paulo: Moderna, 2001.

BONNOTO, D. M. B. Contribuições para o trabalho com valores em educação ambiental. In: Ciência & Educação, v. 14, n. 2, p. 295-306, Rio Claro: 2008.

FREITAS, A. de. Dia mundial da água. 2015. Disponível em:
<http://flaviopintonews.blogspot.com.br/2015/03/dia-mundial-da-agua-por-amadeu-de.html>. Acesso em 24 mar 2015.

IBAMA/MMA. Plano de manejo: Diagnóstico. 2004. Disponível em:
<http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/caatinga/unidades-de-conservacao-caatinga/2122-flona-araripe-apodi.html>
Acesso em: 05 jan 2015.

LARROSA, J. Linguagem e educação depois de Babel. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MENDONÇA, K. Educação para o diálogo e valores: um desafio em meio à barbárie. In: Cultura de Paz: do conhecimento à sabedoria. MATOS, K. S. A. L de; NASCIMENTO, V. S. do; e NONATO JÚNIOR, R. [org.]. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, L. M. QUALIFICAR, CAPACITAR, HABILITAR: a educação e a produção de sujeitos outros, no Ceará do século XX (1987-2007). Rio de Janeiro: UERJ/Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010. (Tese de Doutorado).